

Carlos Cavaco foi uma das mais extraordinárias personalidades gaúchas da primeira metade do século XX

ACERVO FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA/REPRODUÇÃO/JC

## Reportagem Cultural

# O quixotesco tribuno do Rio Grande

Marcello Campos, especial para JC

O currículo é de fôlego. Militar, advogado, orador, jornalista, escritor, poeta, líder sindical, ativista político-partidário, propagandista, ator, teatrólogo, funcionário federal, diplomata, professor e boêmio. Poucos nomes ecoaram com tamanha força, polêmica e dramaticidade no Rio Grande do Sul das primeiras décadas do século XX quanto o de Custódio Carlos de Araújo, vulgo Carlos Cavaco (1878-1961). Nascido em Sant'Ana do Livramento (Fronteira Oeste) e filho de um voluntário da Guerra do Paraguai com uma dona de casa, forjou na índole expansiva - aliada ao físico avantajado - um personagem emblemático daqueles tempos de agitação política e social no Estado.

Constam em seus relatos a robustez e demonstrações de força incomum na infância como motivos do apelido familiar de 'Toco', em alusão à parte do tronco que permanece presa ao solo após o corte da árvore. "Aos 5 anos, uma de suas proezas consistia em levantar pesadíssima carabina com apenas uma das mãos, sob aplausos", conta o historiador conterrâneo Ivo Caggiani (1932-2000) no livro *A Vida Quixotesca de um Tribuno de Porto Alegre* (1986). Na primeira vez em que o nervosismo impediu a repetição da proeza diante de amigos do pai, este rebaixou o guri: "Agora tu não é mais 'Toco', virou 'cavaco'". O novo apelido pegou de tal forma que, décadas depois, acabaria incorporado à documentação pessoal.

Caçula de sete filhos (in-

cluindo seis mulheres), Custódio tinha 9 anos quando a morte do patriarca agravou a já modesta situação financeira da família. O cenário seria lembrado em sua autobiografia *Caminhos do Meu Destino* (1960): "Filho de um guerreiro e uma santa, entrei na vida pela mão de um destino cruel e que me ensinou a ter fome e frio. De peito coberto de medalhas e todas as promoções por atos de bravura, meu pai deixou uma herança de glória e pobreza. O soldo de cadete do meu irmão mal chegava para carne e pão. A mãe e minhas irmãs costuravam para um alfaiate da cidade, a fim de ganhar o que faltava para alimentação e alguma roupa modestíssima".

Cavaco tinha pouco mais de 15 anos quando se alistou entre os maragatos (oposicionistas ao governo estadual de Júlio de Castilhos) na Revolução Federalista (1893-1895), guerra civil tristemente célebre pelas mais de mil degolas. Com o pescoço ileso sob o lenço vermelho após o conflito, deflagrou no 18º Batalhão de Infantaria do Exército em Livramento uma carreira que o levaria a Pelotas, Quaraí, São Borja, Rio Pardo e Realengo/RJ, onde cursou a Escola Militar, antes do retorno à cidade natal. Mas o temperamento indisciplinado não combinava com as exigências da farda, respingada por ganchos que o levariam ao desligamento do então segundo-sargento.

Faltou contar que Custódio era também um estudioso e autodidata de hábil manejo tanto na palavra falada quanto na escrita. Casado desde 1902 com



a adolescente Rosita Lupi (ele 24 anos e ela 15 ao trocarem alianças), tomou junto à companheira o rumo que lhe parecia óbvio diante de suas inquietudes no início de 1904: a Capital. Sem formação acadêmica em

Direito mas munido de autorização legal então concedida a indivíduos com notório saber jurídico (os "provisionados" ou "rábulas"), o ex-militar abriu banca de advocacia e mergulhou na vida intelectual, jorna-

lística e política da metrópole, encontrando na cidade palco e plateia que projetariam além das fronteiras gaúchas uma de suas mais insólitas figuras.

**Leia mais na página central**